

## O PODER ACIMA DE TUDO, DEUS ACIMA DE TODOS: AS TEOCRACIAS COMO DISTOPIAS EM *O CONTO DA AIA*, DE MARGARET ATWOOD, E *SUBMISSÃO*, DE MICHEL HOUELLEBECQ

WENDEL BUCHWEITZ<sup>1</sup>;  
EDUARDO MARKS DE MARQUES<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [contatowendelwb@gmail.com](mailto:contatowendelwb@gmail.com)

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – [eduardo.marks@ufpel.edu.br](mailto:eduardo.marks@ufpel.edu.br)

### 1. INTRODUÇÃO

Religião e política, em diversos contextos histórico-culturais, possuem uma relação próxima, e, frequentemente, problemática. No âmbito da literatura distópica, a ascensão de uma religião ao poder tende a ser entendido como uma distopia, especialmente quando se trata de uma teocracia. Em sua origem etimológica, teocracia é o “Governo de Deus” (FERRARI, 1998), embora, historicamente, teocracias tenham sido regidas por autoridades humanas que seriam a representação de Deus na terra ou sua própria encarnação (FERRARI, 1998). O modelo teocrático, como definido no *Dicionário de Política* (1998), é a submissão do laicato ao clero, o qual, “por mandato divino, foi confiada a tarefa de prover, tanto a salvação eterna, como o bem-estar material do povo” (FERRARI, 1998, p. 1237).. Essa concepção vai ao encontro do conceito de Claeys (2017) de distopia política. Para o autor, uma das características das distopias políticas é um regime de governo que se impõe por meio do medo e do terror. Na literatura distópica, um dos exemplos mais evidentes de distopia política cujo governo é uma teocracia está n’ *O Conto da Aia* (1985), de Margaret Atwood. Além do romance de Atwood, *Submissão* (2015), de Michel Houellebecq, explora os desdobramentos da ascensão democrática de uma teocracia islã na França de 2022. O objetivo deste trabalho é, portanto, analisar o aspecto teocrático em ambas as obras e o motivo pelo qual esses governos teocráticos podem ser lidos como distopias. Ademais, buscar-se-á traçar pontos convergentes e divergentes nos modelos de teocracia presentes em ambas as obras.

### 2. METODOLOGIA

Este resumo é o recorte de um trabalho mais amplo que está sendo desenvolvido na pesquisa de dissertação de mestrado do autor. Nesta pesquisa, há o intento de verificar como os modelos de teocracia presentes n’ *O Conto da Aia* e *Submissão* são apresentados nestes romances. Além do hiato de três décadas que separam o romance de Atwood da obra de Houellebecq, o que implica em diferentes contextos político-histórico-sociais de publicação, há também a diferença geográfica e religiosa: ao passo que *O Conto da Aia* apresenta uma teocracia cristã nos EUA, *Submissão* especula a possibilidade de uma ascensão de uma frente muçulmana ao poder na França. A metodologia usada, portanto, deu-se por meio da análise comparativa entre os romances, levando em conta as características supracitadas.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em *Submissão*, a ascensão democrática de um candidato muçulmano ao poder é vista como alarmante por grande parte da população francesa. Esse fato, somado aos desdobramentos políticos e sociais antes e após a eleição do muçulmano Mohammed Ben Abbes, vão ao encontro da definição de Lyman Tower Sargent a respeito do conceito de distopia, que o define como a projeção de um futuro alarmante (Sargent, 2010). Isto posto, será discutido o motivo pelo qual a eleição de Ben Abbes é vista como uma espécie de alerta à sociedade francesa. Em primeiro lugar, é possível pensar no local em que o romance se passa: França. O berço da democracia, como é conhecido o país de Houellebecq, jamais testemunhou a eleição de um presidente muçulmano. Eis o primeiro “alarme” de *Submissão*: um momento sem precedentes históricos, o qual deixa até mesmo os comentaristas políticos sem saber o que dizer: “Foi possível ver o infeliz Christophe Barbier [...], impotente para comentar uma mutação histórica que ele não vira chegar — que, a bem da verdade, ninguém vira chegar” (Houellebecq, 2015, p. 119). Ademais, há a rejeição por parte da França em relação aos muçulmanos. Conforme relata o personagem Rediger: “[a] rejeição aos muçulmanos é mais ou menos igualmente forte em todos os países europeus; mas a França é um caso absolutamente peculiar” (Houellebecq, 2015, p. 46).

Outro ponto a ser analisado é a submissão das mulheres às medidas político-ideológicas da teocracia islã. Uma delas é a visível imposição do patriarcado por parte da frente muçulmana, após a eleição, implicando na saída das mulheres do mercado de trabalho: “Outro sucesso imediato foi o desemprego, cujas taxas estavam em queda livre. Isso se devia, sem a menor dúvida, à saída maciça das mulheres do mercado de trabalho” (Houellebecq, 2015, p. 118). A mudança de costumes após a eleição de Ben Abbes foi, de fato, mais perceptível em relação às mulheres. “Com acesso restrito de educação e sem emprego, as mulheres se limitam às atividades domésticas” (Melo, 2018, p. 60). Ademais, houve mudança também no modo em que as mulheres passaram a se vestir: todas passaram a usar calças compridas, ao passo que vestidos, saias e *shorts* foram banidos. Essa medida vai ao encontro da definição supracitada de Ferrari, o qual define a teocracia como a “submissão do laicato ao clero”, pois mesmo as mulheres não-muçulmanas sentiram as consequências do governo islã.

Contudo, é possível levar em consideração as reflexões de Edward Said (1978) sobre a concepção ocidental acerca dos costumes e modelos político-sociais do oriente. Para o autor, o oriente tem sido, historicamente, uma construção do ocidente. Em suas palavras: “[...] a cultura europeia foi capaz de manejar — e até produzir — o Oriente política, sociológica, militar, ideológica, científica e imaginativamente durante o período do pós-Iluminismo (Said, 2012 [1978], p. 23). Dessa forma, ao analisar o romance de Houellebecq no que tange ao islamismo e à cultura muçulmana, é preciso levar em consideração o fato de que, como lembra Said, “noções como modernidade, iluminismo e democracia não são, de modo algum, conceitos simples e consensuais que se encontram ou não, como ovos de Páscoa, na sala de casa” (Said, 2012, p. 18).

Embora conceitos como iluminismo e democracia possam e talvez devam ser discutidos, n’*O Conto da Aia*, de Atwood, é possível pensar, novamente, no papel das mulheres em relação ao regime de governo, pois, assim como em *Submissão*, as mulheres parecem ser as mais afetadas pela teocracia cristã da República de Gileade. Na narrativa da escritora canadense, se tem uma teocracia de cunho cristão, a qual usa da autoridade religiosa para impor um regime

governamental de opressão. Como escreve Espinelly em sua tese de doutorado em história da literatura:

Nas distopias clássicas, produzidas na modernidade, como 1984 e *Admirável mundo novo*, o controle da sociedade estava nas mãos de um governo centralizador do poder. Em *O conto da aia* [...], do mesmo modo o poder disciplinar está nas mãos de um governo centralizador, que neste caso é regido pela religião (Espinelly, 2016, p. 121).

Embora algumas mulheres possuam privilégios nesta sociedade, de maneira geral elas não possuem direito algum. No caso de Offred, a protagonista, assim como as outras aias, sua única função nessa sociedade distópica é a geração de filhos. Na narrativa, não é evidente a maneira como a República de Gileade iniciou, mas há indícios de ter sido um golpe político. Ademais, algumas passagens da bíblia judaico-cristã são editadas ou cortadas em favor do regime patriarcal da República de Gileade.

A República de Gileade corresponde, em termos geográficos, a uma parte dos EUA. Nessa república, as mulheres eram, em sua grande maioria inférteis, sendo as aias, como a própria Offred, as únicas que poderiam gerar prole. Por conta disso, eram forçadas a manter relações sexuais com seus Comandantes a fim de lhes gerar descendentes. Esta preocupação com a geração de filhos está presente desde o início d' *O Conto da Aia*, cuja primeira epígrafe é uma passagem bíblica do livro de Gênesis, na qual Raquel suplica a Jacó que este lhe dê filhos. O próprio nome da República de Gileade é uma alusão a duas passagens bíblicas nos livros de Gênesis e Jeremias, respectivamente: “[a] palavra “Gilead”, em inglês, ou “Gileade”, em português, remete a dois lugares citados na bíblia no Gênesis e significa “monte de testemunho” ou “monte de testemunha”, situado no Reino da Jordânia” (AMARAL, 2017, p. 3). Ao refletir sobre a função das aias em Gileade, escreve Espinelly:

Em *O conto da aia*, a República de Gilead se estrutura como uma teocracia. A frase “*Dá-me filhos, ou senão eu morro*”, na voz de Offred, faz referência ao texto bíblico do capítulo 30 do livro de Gênesis, que narra como Raquel, incapaz de gerar filhos, oferece sua serva para que seu marido Jacó a engravide. A adoção da mesma prática na Gilead do século XX desvela uma sociedade patriarcal baseada em conceitos arraigados em uma tradição arcaica, em nome da manutenção da ordem, que não segue uma lógica científica, mas baseada na fé (Espinelly, 2016, p. 122).

#### 4. CONCLUSÕES

Baseado nas análises críticas dos romances *O Conto da Aia* e *Submissão*, foi possível perceber que, embora os dois textos estejam inseridos em contextos de publicação diferentes, há pontos de convergência entre as obras de Atwood e de Houellebecq. Além disso, nota-se que os anseios político-sociais, ou seja, a angústia social acerca da possibilidade de uma ascensão de uma teocracia se dá em dois momentos históricos diferentes, com um hiato de três décadas entre eles. Na teocracia cristã de *O Conto da Aia*, trechos da bíblia são editados em favor do poder, e a narrativa questiona os desdobramentos sociais da ascensão de um viés extremo da religião ao poder. Ademais, assim como no romance de

Houellebecq, sugere-se que, com a implantação de uma teocracia, as mulheres, de modo geral, são as mais prejudicadas.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Lara Luiza Oliveira. The Handmaid's Tale, de Margaret Atwood: A Metaficção Historiográfica Entre as Linhas da Ficção. **Memento**: Revista de Linguagem, Cultura e Discurso, Universidade Vale do Rio Verde, v. 8, n. 2, p.1-21, jun. 2017.

ATWOOD, Margaret. **O Conto da Aia**. Trad. Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

CLAEYS, Gregory. **DYSTOPIA: A Natural History**. New York: Oxford University Press, 2017.

DE MELO, Israel Victor. **Imaginário cultural: árabes e muçulmanos em Submissão**, de Michel Houellebecq. 2018. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

ESPINELLY, Luiz Felipe Voss. **O anti-herói no romance distópico produzido na pós-modernidade ou O Prometeu pós-moderno**. 2016. 241 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado em História da Literatura, Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande - Furg, Rio Grande, 2016.

FERRARI, Silvio. Teocracia. In: BOBBIO, Norberto et. al. **Dicionário de Política**. 11 ed. Brasília: Editora UNB, p. 1237-1238, 1998.

HILÁRIO, Leomir Cardoso. Teoria Crítica e Literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. **Anuário de Literatura**, [s.l.], v. 18, n. 2, p.201-215, 7 out. 2013. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/2175-7917.2013v18n2p201>.

HOUELLEBECQ, Michel. **Submissão**. Tradução de Rosa Freire d'Aguilar. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2015.

SARGENT, Lyman Tower. **UTOPIANISM: A Very Short Introduction**. New York: Oxford University Press, 2010.